

# A Mensagem e o Mensageiro de Isaiah Berlin

O IEP celebra em Novembro de 2017 o Pensamento de Berlin com o seu Editor, Henry Hardy.

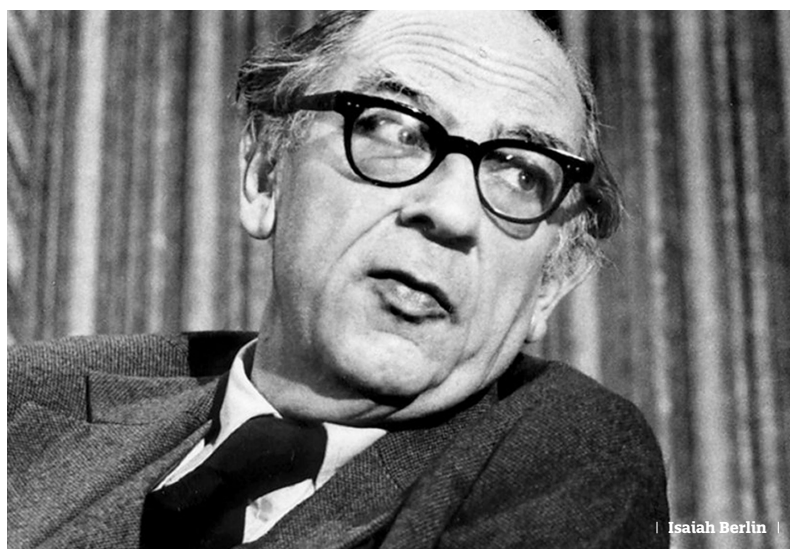
**I**saiah Berlin, nasceu em Riga em 1909, era judeu, e morreu britânico em 1997, há 20 anos atrás. “As três correntes da sua vida”, como as chamou, marcaram as suas ideias, que por sua vez marcaram o pensamento político do século que viveu quase na íntegra. A maioria dessas ideias seriam desconhecidas do mundo, não fossem as décadas de dedicação persistente que Henry Hardy, seu editor exclusivo, cometeu à sua obra. Hardy está, portanto, entre os que melhor conhecem a mensagem de Berlin. Para



POR  
**Ana Martins**

Mestre em Governance, Leadership & Democracy Studies pelo Instituto de Estudos Políticos da Universidade Católica Portuguesa

celebrar o seu pensamento, 20 anos após a sua morte, Hardy irá discutir a mensagem fundamental de Berlin em Aula-Aberta, no dia 25 de Novembro deste ano.



Isaiah Berlin

## A MENSAGEM DE BERLIN

Isaiah Berlin deixou este mundo particularmente optimista em relação ao século XXI. Num discurso de aceitação do grau honorário de Doctor in Law atribuído pela Universidade de Toronto, em 1994, revelou acreditar que: “a democracia liberal, apesar de tudo, apesar do maior flagelo moderno do nacionalismo fanático e fundamentalista, está a espalhar-se. Grandes tiranias estão, ou irão ficar, em ruínas”. Concluiu o discurso, mais tarde publicado como “Uma Mensagem para o Século XXI”, confessando: “Fico feliz que vós, a quem me dirijo, verão o século XXI que, estou certo, só poderá ser um melhor tempo para a humanidade do que foi o terrível século que vivi.” O tempo ajuizará a veracidade desta previsão, que por ora pode parecer precipitada. No entanto, a extensa variedade de reflexões deixadas por Berlin está repleta de lições pertinentes para a actualidade, e até de avisos deveras prescientes.

Berlin é sobretudo associado à defesa do valor da liberdade e à sua proposta pluralista, ambas cristalizadas no seu mais célebre ensaio: “Dois Conceitos de Liberdade”. Por contraposição ao monismo – a “fé antiga” na existência de “uma solução final” que “repousa na ideia de que todos os valores positivos em que os homens têm acreditado devem, ao fim e ao cabo, ser compatíveis”<sup>2</sup> – defende que a moralidade é plural, havendo múltiplas combinações válidas de valores que estarão perpetuamente em conflito, sendo por vezes até incomensuráveis, motivo pelo qual a escolha é uma qualidade intrínseca da condição humana. Precisamente por esta razão, entendia Berlin que a liberdade em sentido negativo – “liberdade de”, ou seja, ausência de interferência, por oposição a “liberdade para”, liberdade positiva, ou o desejo de se ser governado por si próprio – era um valor essencial em qualquer sociedade considerada decente.

Estas ideias, sem dúvida centrais no pensamento de Berlin, não esgotam o escopo da sua obra. Pelo contrário, levam-no a debruçar-se sobre uma variedade de aspectos do pensamento político moderno que de alguma forma as realçam ou obscurecem. No seu ensaio “Inevitabilidade Histórica”, por exemplo, critica as teses deterministas pela sua negação da agência humana. Berlin também dedicou bastante atenção às elevadas expectativas projectadas nas chamadas ciências sociais enquanto capazes de revelar verdades exactas, à semelhança das ciências naturais. Reconhecia-lhes valor, claro, mas alertava que eram insuficientes para compreender

todo o fenómeno humano que certamente não é passível de ser reduzido a um objecto de estudo preciso e mensurável. Lembrava que havia uma outra forma de conhecimento, “um auto-ajuste sensível ao que não pode ser medido ou pesado ou inteiramente descrito”<sup>3</sup> mais adequada à compreensão da humanidade: o “sentido da realidade”.

Uma das partes mais pertinentes da sua obra para os dias de hoje é das menos conhecidas. Muito discorreu Berlin sobre a importância dos sentimentos de familiaridade, de reconhecimento e de pertença, tão vitais para o ser humano que poderão despertar o seu lado mais destrutivo quando negligenciados. Já no “Dois Conceitos de Liberdade”, que data de 1958, Berlin dedicou a esta questão a respectiva secção VI, intitulada “A Busca de Estatuto”. A ideia aqui afluída é posteriormente desenvolvida em vários ensaios, sobretudo a respeito do nacionalismo. Esta parte do seu pensamento está quase ausente da literatura dominante sobre o tema. Berlin foi, no entanto, dos primeiros autores do século XX a dedicar-lhe especial atenção, e as suas reflexões revelam o quão ciente estava da vulnerabilidade da democracia liberal aos perigos que hoje enfrenta. “Na nossa era moderna,” observou em 1991, “o nacionalismo não é ressurgente; nunca morreu. Nem o racismo. São os movimentos mais poderosos no mundo de hoje.”<sup>4</sup>

Berlin considerava-se um historiador de ideais. Analisou o pensamento de autores que marcaram as diversas correntes do pensamento ocidental dos últimos 200 anos. Desta variedade resulta, no entanto, uma mensagem clara e intemporal: as pretensões universalistas a que o pensamento humano é predisposto podem virar o poder das ideias, e das emoções, contra a própria humanidade.

#### O MENSAGEIRO DE BERLIN

Quando Henry Hardy se juntou ao Colégio de Wolfson na Universidade de Oxford em 1972 mal sabia quem era Berlin, seu fundador. Sugeriram-lhe que lesse *Four Essays on Liberty*, a colectânea que juntamente com o único livro que Berlin escreveu na vida, *Karl Marx: His Life and Environment*, perfaziam a obra publicada de Berlin até então (tirando poucos artigos publicados em revistas obscuras). Assim descobriu Hardy a vocação à qual viria a dedicar mais de 40 anos da sua vida.

Berlin era penosamente céptico em relação à qualidade académica dos seus escritos. Não fora a convicção e persistência



### Hardy desafiou Berlin, quer por razões profissionais quer por mera curiosidade, a esclarecer muitas das suas ideias mais nebulosas

de Hardy em convencer Berlin do contrário—uma luta constante ao longo da relação dos dois—a grande maioria da sua obra nunca teria visto a luz do dia. Muitos dos textos estavam escondidos na cave de Headington House, onde vivia Berlin. Descobri-los foi

para Hardy um momento equiparável à descoberta do túmulo de Tutankhamon, razão pela qual descreve o seu trabalho como uma espécie de “arqueologia criativa”.

Os temperamentos contrastantes dos dois homens deram sentido ao trabalho de cada. Foi a minúcia e persistência de Hardy que tornaram publicáveis os rascunhos, artigos, cartas, palestras e até gravações esquecidas naquela cave ou espalhados por revistas e jornais de baixa circulação. Este trabalho foi vital para o próprio Berlin perceber a estrutura do seu pensamento, caracterizado pela fluidez e dispersão das ideias expressas com raro estilo e eloquência que, para delícia dos seus leitores, despertavam realizações que tendem a escapar ao rigor da academia.

Hardy desafiou Berlin, quer por razões profissionais quer por mera curiosidade, a esclarecer muitas das suas ideias mais nebulosas. O contacto tão próximo com o autor e a sua obra dão a Hardy uma perspectiva verdadeiramente única entre os melhores dos especialistas. Ainda que hesite em delimitar o pensamento multifacetado de Berlin, se há para Hardy ideia emblemática do seu pensamento, é a de que “não pode haver um conjunto correcto de princípios pelos quais devamos viver, e que todas as tentativas de descoberta de uma solução única para as questões morais com que a humanidade se depara são baseadas num profundo erro acerca da natureza dos valores humanos.”<sup>5</sup> Sobre esta “mensagem” falar-nos-á na aula-aberta de Novembro. ■

#### NOTAS

- 1 Tradução do título do ensaio “The Three Strands of My Life” (Berlin, *Personal Impressions*, 433–9).
- 2 Berlin, *Liberty*, 290.
- 3 Berlin, *The Sense of Reality*, 25.
- 4 Berlin and Gardels, “Two Concepts of Nationalism”.
- 5 Hardy, “Isaiah Berlin’s Key Idea”.

#### GUIA DE LEITURAS

- Berlin, Isaiah. *Liberty*. Edited by Henry Hardy, with an essay on Berlin and his critics by Ian Harris. Oxford and New York: Oxford University Press, 2002.
- “A Message to the 21st Century.” *The New York Review of Books*, October, 23 (2014). <http://www.nybooks.com/articles/archives/2014/oct/23/message-21stcentury/>.
- Personal Impressions*, 3rd ed. Edited by Henry Hardy, with foreword by Hermione Lee. Princeton: Princeton University Press, 2014.
- The Sense of Reality: Studies in Ideas and their History*, ed. Henry Hardy, with an introduction by Patrick Gardiner. London: Pimlico, 1997.
- Berlin, Isaiah and Nathan Gardels. “Two Concepts of Nationalism: An Interview with Isaiah Berlin” *New York Review of Books*, November 21 (1991), pp. 19–23.
- Crowder, George. *Isaiah Berlin: Liberty and Pluralism*. London: Polity Press, 2004.
- Gray, John. *Isaiah Berlin, An Interpretation of His Thought*. New Jersey: Princeton University Press, 2013.
- Hardy, Henry, “Isaiah Berlin’s Key Idea.” *Romulus* 4, no. 1 Trinity (2000): 4–5.
- Ignatieff, Michael. *Isaiah Berlin: A Life* [1998]. London: Vintage, 2000.